

Gabriela Cristina Borborema Bozzo
(Organizadora)

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais

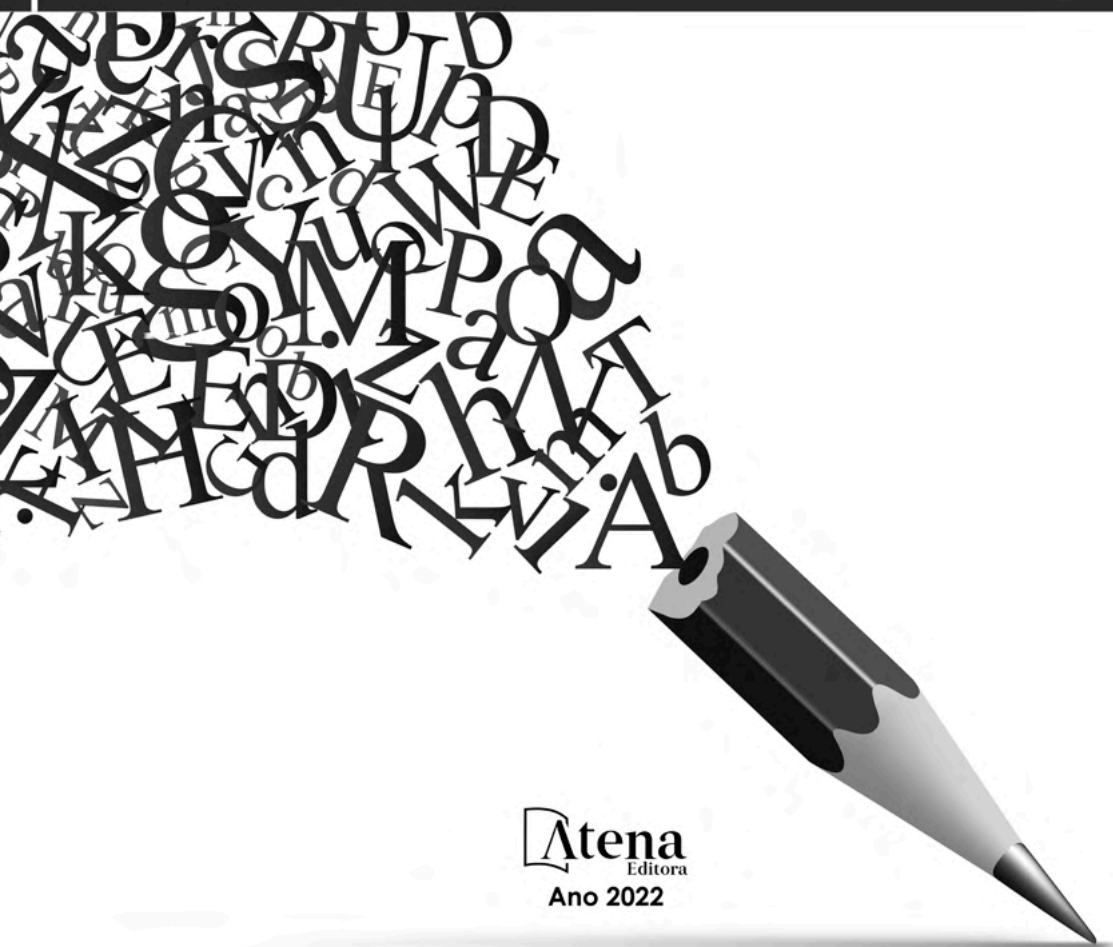


Atena
Editora
Ano 2022

Gabriela Cristina Borborema Bozzo
(Organizadora)

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Linguística, letras e artes: descrição, análise e práticas sociais

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Gabriela Cristina Borborema Bozzo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes: descrição, análise e práticas sociais / Organizadora Gabriela Cristina Borborema Bozzo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0513-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.139220509>

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Bozzo, Gabriela Cristina Borborema (Organizadora). II. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

O livro *Linguística, letras e artes: descrição, análise e práticas sociais* apresenta, em seus doze capítulos, diferentes pesquisas no campo da Ciências Humanas, mais especificamente, nos campos linguístico, literário e artístico, trazendo artigos que contemplam o título do volume. A descrição, a análise e as práticas sociais estão presentes nos trabalhos de forma singular, formando um todo uníssono pela valorização desse campo de estudo.

Desse modo, há trabalhos que cortejam diferentes aspectos inferidos no título do volume, como a análise do termo – usado no campo jornalístico, como em debates políticos – “narrativa”, há, ainda no campo das práticas sociais, uma minuciosa análise do discurso público municipal brasileiro, artigo, inclusive, escrito em Língua Espanhola. Há, ainda, a belíssima análise de um espetáculo de dança protagonizado por pessoas com deficiência visual, bem como a apresentação de uma experiência de estágio supervisionado de Artes Visuais, em que se trabalha com métodos poético-pedagógicos. Ainda na esfera escolar, há um artigo que trata do gênero da redação ENEM, tão importante para o ingresso dos vestibulandos nas universidades públicas por meio do SiSU. No âmbito das práticas sociais, há um texto que contempla a ação das benzedeadoras no país.

Ademais, há trabalhos literários que têm como *corpus* diferentes obras de Milton Hatoum, Raduan Nassar, João Cabral de Melo Neto, Ray Bradbury, Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Nérida Piñon, Orlanda Amarílis e Dina Salústio, além de um artigo que corteja a tradução literária e a revisão da tradução. Os vieses críticos escolhidos para trabalhar com esses autores foram os da literatura comparada, da sociologia, da revisão crítica e do mito.

Portanto, o presente volume colabora para com o enriquecimento dos campos de estudo literário, linguístico, escolar, de políticas públicas, práticas milenares de cura e jornalístico. Ou seja, é uma grande contribuição para a Ciência que abarca esses saberes – as Ciências Humanas. Por fim, a leitura pode colaborar com a formação acadêmica de graduandos, graduados, pós-graduandos e professores de IES, bem como toda população que apresentar interesse no atravessamento das Ciências humanas que compõe esse volume.

Gabriela Cristina Borborema Bozzo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A PALAVRA *NARRATIVA* NOS EMBATES POLÍTICOS: UMA LEITURA NA PERSPECTIVA DA SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO

José Luiz Marques

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1392205091>

CAPÍTULO 2..... 8

ANÁLISIS DEL DISCURSO PÚBLICO: LENGUAJE, INTERPRETACIÓN Y LAGUNAS EN EL ÁMBITO DE LAS ATRIBUCIONES LEGALES DE LOS CONSEJOS MUNICIPALES DE MEDIO AMBIENTE EN BRASIL

Elaine Ferreira Dias


Pedro Henrique Figueiredo da Silveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1392205092>

CAPÍTULO 3..... 15

ENQUANTO: PROCESSO CRIATIVO COM BAILARINOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL DA CIA PASSOS PARA LUZ DE BELÉM/PA-BRASIL

Marina Alves Mota

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1392205093>

CAPÍTULO 4..... 25

ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO: NAVEGANDO PELOS MARES DA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA A PARTIR DO ENSINO DAS ARTES VISUAIS

Noeli Batista dos Santos


Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1392205094>

CAPÍTULO 5..... 35

O GÊNERO *REDAÇÃO DO ENEM*: UM PROBLEMA DE CATEGORIZAÇÃO?

Walisson Dodó


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1392205095>

CAPÍTULO 6..... 47

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA NO BRASIL: REPENSANDO O TRABALHO COM A ANÁLISE LINGUÍSTICA/SEMIÓTICA EM SALA DE AULA

Walisson Dodó

Eulália Leurquin





 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1392205096>

CAPÍTULO 7..... 63

REVISÃO DE TRADUÇÃO DE TEXTO EM VERSO: CONHECIMENTOS E RESPEITO AO ESTILO DO AUTOR TRADUZIDO

Dulce Maurília Ribeiro Borges

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1392205097>

CAPÍTULO 8	75
“LAVOURA ARCAICA”, “DOIS IRMÃOS” E A ANTROPOFAGIA DO MITO	
Nicole Maciel de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1392205098	
CAPÍTULO 9	86
LYGIA IFAGUNDES TELLES; CLARICE LISPECTOR, NÉLIDA PIÑON, ORLANDA AMARÍLIS E DINA SALÚSTIO - AUTORIA FEMININA A VOZ DE RESISTÊNCIA	
Pedro Manoel Monteiro	
Raquel Aparecida Dal Cortivo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1392205099	
CAPÍTULO 10	96
AS RACHADURAS NA PAREDE: A PRESENÇA DO DISCURSO AFETIVO E AUTOBIOGRÁFICO EM JOÃO CABRAL DE MELO NETO	
Rafael Iatzaki Rigoni	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.13922050910	
CAPÍTULO 11	104
SOB O DOMÍNIO DA INDÚSTRIA CULTURAL: UMA CRÍTICA SOCIOLÓGICA DE FAHRENHEIT 451	
Rafael Henrique Mehret	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.13922050911	
CAPÍTULO 12	112
PALAVRAS QUE CURAM: BREVE ESTUDO SOBRE AS BENZEDEIRAS E AS PRÁTICAS ORAIS	
Márcia Souza Maia e Araujo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.13922050912	
SOBRE A ORGANIZADORA	125
ÍNDICE REMISSIVO	126

CAPÍTULO 9

LYGIA IFAGUNDES TELLES; CLARICE LISPECTOR, NÉLIDA PIÑÓN, ORLANDA AMARÍLIS E DINA SALÚSTIO - AUTORIA FEMININA A VOZ DE RESISTÊNCIA

Data de aceite: 01/09/2022

Pedro Manoel Monteiro

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Raquel Aparecida Dal Cortivo

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

RESUMO: A discussão em torno da atuação e a participação da mulher na sociedade ainda tem um longo percurso para que se alcance a equidade. Num cenário social e político que abre espaço para o acirramento de discursos retrógrados a respeito das relações de gênero na sociedade, torna-se cada vez mais urgente que um contradiscurso se levante para reafirmar direitos já conquistados e ampliá-los. A literatura, nesse sentido, pode ocupar esse lugar de resistência e no que se refere à participação da autoria feminina pode tanto denunciar sua ausência ou pouca participação, como reivindicar a expansão de tais espaços. Desse modo, a presença ou ausência no mercado editorial revela uma amostra dos desafios enfrentados pelas mulheres para sua inserção em certas áreas. Entretanto, a literatura também contribui para a reafirmação ou desacomodação dos estereótipos femininos via suas personagens. Dito de outro modo, numa perspectiva histórica, a literatura ora reproduz certos estereótipos femininos que atuam na manutenção da dominação masculina e da concepção sexista da sociedade, ora abre-se para a denúncia ou para a problematização desses modos de representação, desnaturalizando o que é historicamente construído. Em razão de

certa herança patriarcal da sociedade ocidental de base judaico-cristã, as vozes de resistência ultrapassam fronteiras geográficas. Este estudo, parte de uma perspectiva da crítica feminista e da abordagem dos estudos culturais e da hermenêutica do cotidiano (DIAS, 1994, 1998) a fim de demonstrar como as literaturas brasileira e africanas de língua portuguesa de autoria feminina tornam-se refratárias às tentativas de silenciamento, às investidas de “dominação masculina” (BOURDIER, 2012) que limita a mulher aos espaços privados, de modo a objetificá-la via um discurso culpabilizante. Por fim, desestabilizar os olhares sobre as personagens femininas, torna-se também ato de resistência às investidas de silenciamento das pesquisas das Ciências Humanas pelo poder institucionalizado do Estado.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos Comparados, Contos, Lygia IFagundes Telles; Clarice Lispector, Nélide Piñón, Orlanda Amarílis, Dina Salústio.

ABSTRACT: The discussion around the role and participation of women in society still has a long way to go in order to achieve equity. In a social and political scenario that open spaces for the intensification of retrograde discourses regarding gender relations in society, it becomes increasingly urgent for a counter-discourse to arise to reaffirm and expand rights already conquered. Literature, in this sense, can occupy this place of resistance and with regard to the participation of female authorship, it can either denounce its absence or little participation, as well as claim the expansion of such spaces. Thus, the presence or absence in the publishing

market reveals a sample of the challenges faced by women for their insertion in certain areas. However, literature also contributes to the reaffirmation or disaccommodation of female stereotypes through its characters. In other words, from a historical perspective, literature sometimes reproduces certain female stereotypes that act in the maintenance of male domination and the sexist conception of society, sometimes it opens up to the denunciation or the problematization of these modes of representation, denaturalizing what is historically built. Due to a certain patriarchal heritage of western judeo-christian society, the voices of resistance go beyond geographical boundaries. This study starts from a perspective of feminist criticism and the approach of cultural studies and the hermeneutics of everyday life (DIAS, 1994, 1998) in order to demonstrate how brazilian and african literatures written in portuguese by female authors become refractory to attempts at silencing, to the onslaught of “male domination” (BOURDIER, 2012) that limits women to private spaces, in order to objectify them via a blaming discourse. Finally, destabilizing the views on the female characters also becomes an act of resistance to the onslaughts of silencing research in the Human Sciences by the institutionalized power of the State.

KEYWORDS: Comparative Studies, Short Stories, Lygia IFagundes Telles; Clarice Lispector, Nélide Piñon, Orlanda Amarílis, Dina Salústio.

O contexto do debate político que se desenvolveu e acirrou a partir do ano de 2018, no Brasil, cujo desfecho foi a ascensão de um discurso retrógrado e conservador, que ameaça diversos direitos individuais, coloca em pauta a discussão de temas como a atuação e participação da mulher na sociedade, o patriarcado e as questões de gênero que acreditávamos que já estivessem, ao menos, parcialmente, superadas neste país, representam um grande passo atrás em nossa história social e cultural nacional, que levará muitos anos ainda para se recuperar de tamanho influxo institucionalizado de desinformação sobre as questões de gênero e também das questões étnico-raciais, que não são o foco deste estudo, mas que se encontram profundamente enraizadas nesta questão, pois corroboramos com a teorização de Spivak, 2009: “Claramente, se você é pobre, negra e mulher está enfiada no problema de três formas.”¹ (p. 338).

A literatura constitui-se como um espaço profícuo para a discussão das questões sobre as obras de autoria feminina e da própria questão do feminino em si, uma vez que transfigura tal participação seja na questão literária, seja na participação social.

No que se refere à perspectiva histórica desse tema, entende-se que a literatura ora reproduz certos estereótipos femininos que atuam na manutenção da dominação masculina (Cf. BOURDIER, 2012) e da concepção sexista da sociedade, ora abre-se para a denúncia ou problematização desses modos de representação, desnaturalizando o que é historicamente construído:

Na modernidade, [...], a Eva pecadora cede docemente seu lugar à santificada Maria. Ou seja, a mulher não é mais identificada à serpente do Gênesis, ou a uma criatura sábia, astuta e diabólica que é preciso ‘pôr na linha’ – como

¹ No original: “Claramente, si usted es pobre, negra y mujer está metida en el problema en tres formas”.

tantos milhões de mulheres (as bruxas) que, durante quatro séculos (XV-XVIII), foram queimadas pela Inquisição simplesmente pelo crime de serem mulheres orgásticas e possuírem um saber próprio – mas transforma-se em um ser doce e sensato, de quem se espera comedimento e indulgência. (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 35)

O que se vê pela afirmação de Rocha-Coutinho, o fato de que a Virgem Maria se torna, historicamente, o símbolo máximo da perfeição do papel de mãe/mulher ideal e o modelo máximo dos comportamentos, patriarcais, por outro lado os comportamentos indesejados serão, conseqüentemente, associados à figura mítica de Eva, cujas características incorrem sobre outras personagens transgressoras como Madalena, Salomé e Lilith (Cf. PAIVA, 1989). Tais estereótipos simbolizam e perpetuam a dominação androcêntrica pela divulgação de valores como a castidade, a honra, o silêncio, a obediência cega ao homem, a maternidade como um programa político e a redução do seu espaço ao doméstico e ao privado (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 35-38), situação que vimos apregoadas ultimamente como sendo verdades universais inquestionáveis que, mais ainda, precisam ser combatidas e esclarecidas.

Tal perspectiva histórico-social permite também ultrapassar não só a determinação temporal da resistência feminina, como também a circunscrição geográfica, considerando-se a herança patriarcal da sociedade ocidental de base judaico-cristã-medieval-burguesa em que nos encontramos inseridos e que paulatinamente se espalha por todo o globo desde a expansão marítima portuguesa iniciada em 1415.

A perspectiva da crítica feminista e a abordagem dos estudos culturais e da hermenêutica do cotidiano (Cf. DIAS, 1994), que norteiam esse estudo, igualmente se constituem em atos de resistência às investidas de silenciamento das pesquisas das Ciências Humanas pelo poder institucionalizado do Estado. A partir desses pontos, pretende-se demonstrar como as literaturas brasileira e cabo-verdiana produzidas por mulheres se constituem como resistência às investidas do poder masculino que aprisionam as mulheres nos espaços restritos do privado, da culpa e da objetificação.

Historicamente, as bases socioculturais escola, educação, trabalho, religião, ou seja, os aparelhos ideológicos do estado, tal como define Louis Althusser (1987) têm influído decisivamente nos papéis em que as mulheres têm sido investidas e, na maioria das vezes, conquistado. Portanto, se no passado não muito distante as mulheres estiveram alijadas dos sistemas educacionais, sociais e produtivos, sobretudo nos países membros da CPLP, na atualidade, esses dados apresentam-se com novo caráter.

Neste início de século XXI, parodiando o geógrafo Milton Santos (2009), a mulher, depois que provou o gosto da Modernidade, não consegue mais voltar para a Idade Média, do obscurantismo e do ostracismo, pois a presença das mulheres “nas escolas, nas ruas, campos e construções” são um fato irreversível e irrefreável, por mais que para alguns setores da sociedade seja algo indesejável. Cremos que, nesse sentido, se as mulheres

tiveram a coragem de iniciar a Revolução Francesa, e mais tarde dividir com os homens os campos de batalha da I e da II Grandes Guerras, na Coréia, no Vietnã, nas Guerras de Libertação dos PALOP's, na luta contra as ditaduras tanto no Brasil como em Portugal, não há indícios nelas do conceito suspeito do “sexo” frágil”. Além disso, cremos que as conquistas alcançadas não são forças que possam ser paradas, atrasadas, diminuídas ou retroagir ao estado de outrora, pela vontade de uma malta religiosa ou política desinformada e atrasada.

Cabem aqui algumas questões, no trato da condição feminina, que devem ser colocadas em foco, segundo Duby e Perrot:

Hoje em dia, é na Rússia, no Japão e na Índia, no Brasil e no Norte da África que mais vivamente se manifesta um desejo por parte das mulheres de fazerem a sua história. Como se a escrita desta, forma de constituição do sujeito, acompanhasse o caminho difícil que leva à democracia. (1995, p.13)

A literatura feminina vem desde o início do século XX, passando lutando pela obtenção de espaços que foram predominantemente ocupados por homens, sendo essa marcha irreversível. O que sabemos, mais especificamente, é que até o final do século XIX a presença das mulheres como sujeitos-autorais foi meramente episódica, tendo que muitas vezes disfarçarem o gênero a que pertenciam pelo subterfúgio do uso de pseudônimos masculinos², para que pudessem publicar suas obras e se realizarem como indivíduos.

No geral, fora dessa condição de acobertamento da identidade, como modo de resistência e enfrentamento, apenas algumas mulheres pertencentes às camadas mais elevadas da burguesia, ou da aristocracia, é que obtinham alguma presença no campo literário, pois eram as únicas mulheres com acesso à educação formal de qualidade, por outro lado, Via de regra, tal situação decorria do fato dos homens acharem bonitinho ou intrigante a superficialidade das obras femininas. Portanto, o que se via sobre os primeiros escritos da maioria das mulheres, eram obras situadas no campo do lúdico (tal e qual as atividades desenvolvidas por crianças), essas publicações estavam mais próximas dos dotes de canto e dança que que as mulheres “bem-educadas” deveriam cultivar como dotes pessoais para o deleite masculino, porém a escrita sempre se mostrou como forma de resistência ao apagamento.

É somente com o início do século XX, que as mulheres começaram a romper

2 Foram várias as mulheres que usaram o recurso do pseudônimo para fugir do cerco patriarcal, assim destacamos apenas alguns dos casos mais famosos e conhecidos:

Amandine Dupin (1804 – 1876) – George Sand

Eugénie-Caroline Saffray (1829 – 1885) – Raoul de Naverly

Nair de Tefé (1886 – 1981) – Rian

As irmãs Brontë – os irmãos Bell

Mary Ann Evans (1819 – 1880) – George Eliot

Violet Paget (1856 – 1935) – Vernon Lee

Victoire L. Béra (1824 – 1900) – André Léo

June Tarpé Mills (1912 – 1988) – Tarpé

J.K. Rowling - Robert Galbraith

Erika Leonard James - E.L. James

Gillian Flynn - Cormorant

definitivamente o círculo de ferro que havia se fechado sobre elas durante o período de implantação do pensamento medieval em que:

A mulher era vista pelos religiosos como 'naturalmente' inferior ao 'sexo viril'. Deus havia criado primeiro o homem. Ele foi criado à imagem e semelhança do Todo Poderoso. Ela meramente um reflexo da imagem masculina, uma imagem secundária. Sexos diferentes, ambos uniam-se pelo casamento. Contudo, não se tornavam. Considerada a responsável pela queda da humanidade no pecado a dominação do esposo sobre ela e as dores do parto eram vistos como o seu castigo" (MACEDO, 1992, p. 19).

Se a escrita literária atua como forma de negação da completa obliteração das mulheres no espaço literário, serão as micro-resistências as formas ideais de luta. As estratégias de resistência vão do ocultamento do nome feminino – pelo uso de iniciais neutras ou uso de pseudônimos masculinos; publicação de obra única; publicação de obras marginais, fora do mercado editorial e, principalmente, o uso de temáticas aparentemente menores, como os afazeres domésticos, a ocupação com os filhos, os desenganos amorosos, considerados frívolos, “coisa de mulher”, segundo a percepção patriarcal, colocados portanto em segundo plano social, mas que dominam as narrativas e se voltam para a expressão de uma subjetividade até então ignorada ou desmerecida.

O que se observa na história recente nos PALOP's sobre a participação das mulheres no mercado editorial é que:

(...) apesar das generalidades que apresentam as duas obras mais genéricas [nos dicionários de escritores] (...) a pior posição alcançada pelas mulheres é de 16% do total, enquanto que, nas obras mais recentes (...), a melhor posição feminina atingiu 27,5% dos total de verbetes de escritores, que pela média geral, quase atinge 20% o que demonstra que ainda falta muito para caminharmos para a melhora desses índices, apesar do avanço angolano, ainda o resultado final não é o esperado, nem o desejado. (MONTEIRO, 2019, p.226)

As situações tanto nos PALOP's quanto no Brasil são semelhantes, pois o mercado editorial ainda é um campo marcado profundamente pelo domínio patriarcal, conseqüentemente, os cânones literários dos sete países de Língua Portuguesa registram em sua maioria, apenas as vozes masculinas.

É, pois, justamente pelos resultados da luta pelos direitos das mulheres, na virada do século XX, que elas continuam a lutar para a ocupar lugar tão notável quanto os homens ocupam, porém sabemos que apesar de que o movimento do Sufrágio Universal abriu espaço para expressões cada vez mais contundentes da subjetividade feminina, ainda temos um caminho longo para percorrermos, e que, portanto, fazem-se muito necessários estudos como este.

Em termos de mulheres que de alguma maneira conseguiram romper com o cerco patriarcal e o domínio dos meios de comunicação e publicação encontramos os casos das escritoras como Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector e Nélide Piñon, no Brasil,

e de Dina Salústio, Ivone Aida e Orlanda Amarílis, em Cabo Verde, autoras cujas obras examinamos comparativamente nesse painel.

Tais narrativas desnudam relações de poder opressivas contra as mulheres, abrem espaço para manifestar as revoltas contra esse sistema cruel, que é o patriarcado e que teima em não desaparecer, podemos observar tal atitude no conto *Você não acha que esfriou?*, de **A noite escura e mais eu**, de Lygia Fagundes Telles:

Mas se lembrava — e quanto! — de outras coisas, por exemplo, por exemplo daquela véspera do casamento. A banheira cheia até as bordas, ela mergulhada até às orelhas e ouvindo pela porta entreaberta a mãe falando, falando, Minha Kori vai dar uma noiva tão especial! Especial, ela repetiu, chegando a boca até a superfície da água, aspirando o vapor enquanto olhava os seus pequenos seios recolhidos, murchos. O sexo de uma menina desvalida, os pelos escassos bordejando a fenda entre as pernas finas como fios de macarrão meio entortados, amolecidos na água morna. (...) Otávio não me ama nem pode me amar, ele é tão ambicioso, quer ter sucesso, quer fazer filhos e olha só para isto, olha! pediu abrindo as pernas e apontando a pequena fenda descorada. Está vendo? por aqui não passa nem um ovo quanto mais uma cabeça!

— Pois passou — ela disse e encarou Armando (...) (1994, p. 44-5, grifos nossos)

O que parece apenas narrativo vai mais longe do que isso no registro do que a pressão das regras do mundo falocêntrico tende a imputar sobre a mulher, como o código rígido tanto de comportamento moral e de manutenção até do próprio físico, sob uma espécie de ditadura moral que ultrapassa as raias do psicológico e atinge o físico, pois a mulher “bela, recatada e do lar” não vive para si, mas sim para ser exibida nas reuniões do patriarcado, em que cada homem/marido vai se vangloriar das suas conquistas pessoais, incluindo aí um dos principais troféus: a bela, saudável e reprodutora fêmea que mantém dominada, por mais que, muitas vezes, o homem não seja aquilo que aparenta socialmente:

— Minha avó sabia tocar harpa. Era tão bonita!

— A sua avó?

— Não querido, a harpa. Minha avó era feia, todas as mulheres da minha família são feias. Feias e ricas. Mas sem perder as ilusões, isso é que não, perder as ilusões jamais. Até eu, este cocô de mulher, me apaixonar perdidamente por essa beleza de homem e ainda esperando que ele, apaixonado pelo outro, compreende? Um caso especial, diria a mãe. Especialíssimo. E se eu fosse homem? Ele ia se apaixonar por mim? Não ia não, em homem eu seria o mesmo desastre e Armando era um esteta. (TELLES, 1994, p. 42)

A situação descrita acima, a quebra do lema patriarcal “recatada, bonita e do lar” levada a efeito por Lygia Fagundes Telles é recorrente em sua obra, opõem-se a situação de outras tantas mulheres, que se encontram ainda sob o jugo da doutrina da beleza do falocentrismo, porém essas criações apontam para um processo irreversível de tomada de consciência que leva ao empoderamento feminino e a quebra do paradigma falocêntrico

como verdade única. Isso, longe de representar a inversão do processo de dominação, expressa a necessidade da igualdade, pois o gênero é relacional, ou seja, o masculino e o feminino se implicam, e os estereótipos aprisionam tanto o feminino quanto o masculino que busca corresponder a eles.

Noutro exemplo da tomada de consciência de si e da situação em que a mulher está inserida, Clarice Lispector apresenta na construção de sua personagem Ana, no conto *Amor*:

No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha — com persistência, continuidade, alegria. O que sucedera a Ana antes de ter o lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável. Criara em troca algo enfim compreensível, uma vida de adulto. Assim ela o quisera e o escolhera. (1998, pp. 18-19)

Conforme se observa no excerto anterior há um processo lento de tomada de consciência, que subjaz ao processo existencial vincado na obra clariciana, mas ainda se trata de uma mulher de classe média urbana que se encontra um patamar acima do que a pior condição teorizada por Spivak. O processo de denúncia social ainda é brando nesses textos, pois, talvez devido à condição social, as autoras que circulavam nas altas rodas da intelectualidade paulista e carioca não tivessem sentido tão fundamente na pele o peso das opressões do patriarcado.

Entretanto, a abordagem de Nélide Pinõn, no conto *I love my husband*, a partir de uma perspectiva sarcástica, descortina o lugar secundário destinado à mulher

Sou grata pelo esforço que faz em amar-me. Empenho-me em agradá-lo, ainda que sem vontade às vezes, ou me perturbe algum rosto estranho, que não é o dele, de um desconhecido sim, cuja imagem nunca mais quero rever. Sinto então a boca seca, seca por um cotidiano que confirma o gosto do pão comido às vésperas, e que me alimentará amanhã também. Um pão que ele e eu comemos há tantos anos sem reclamar, ungidos pelo amor, atados pela cerimônia de um casamento que nos declarou marido e mulher. Ah, sim, eu amo meu marido. (2001, p. 456)

O tom amargo do conto é metaforizado no gosto do pão, na boca seca, e evidencia a constituição do sistema patriarcal e o lugar secundário da mulher no casamento e na sociedade. O que se vê se no final do conto que não seja a mais pura e sutil ironia, condensada na afirmação da personagem que depois de tudo declara amar o marido? Desse modo, o conto coloca em evidência também o papel do amor romântico no processo de reclusão e confinamento da mulher no lar.

A mesma opressão aparece no contexto cabo-verdiano, entretanto, são muitas as

formas de expressar o descontentamento e, mais do que isso, resistir e sobreviver. Quiçá, a mais expressiva autora nesse viés da resistência, seja Dina Salústio. No conto *Campeão de coisa nenhuma*, deparamo-nos com uma personagem que confronta um convidado da recepção que organizava, incitando-o a unir-se aos diferentes grupos de homens que se contavam entre si suas façanhas. Contudo, a resposta do convidado a essa anfitriã revoltada aponta para o retrato de um patriarcado já em princípio de diluição ou em fase de modernização em que o homem ali representado caminha na direção de assumir as suas fragilidades, buscando um novo ajuste histórico:

— Ensinarão-nos que devíamos ser heróis de qualquer coisa. Exigem que façamos permanentemente exercícios de auto afirmação. Não nos educaram para corajosamente debatermos os nossos medos, falhas, hesitações, infernos. Apetrecharam-nos com o mito de supermachos e esperam que sejamos sempre vencedores, fazendo-nos inimigos da própria maneira de estar, escamoteando a verdade, falseando as fronteiras. E porque somos apenas normais e temos vergonha da nossa normalidade, passamos o tempo todo a pensar numa roupagem. (SALÚSTIO, 1999. p. 12)

Entretanto, este é o único conto do livro **Mornas eram as noites** que assume esse tom. Os demais tratam das angústias da maternidade, da violência, da vivência feminina.

A vivência feminina é também foco dos contos de Ivone Aida, no livro **Vidas Vividas**. No conto *Zinda ó Grogue nha sina*, a personagem Nha Tuda recusa a ideia de ter um marido:

— Veja lá que eu nunca lhe devi nada. Tomo fiado, vendo, pago e não sou caloteira. Você sabe que eu não tenho marido: — meu marido é o meu balaio de vendas homem de Deus, e se não me arranja o açúcar, como é que eu posso fazer negócio Pudjin?

— Sabes uma coisa Tuda, se tu tivesses arranjado um homem, não estarias nesta canseira!

— Homem? Pudjin, soberba de fora, mel de canhóte! (RAMOS, 1990 p. 36)

O excerto dá-nos outra perspectiva, a da mulher pobre que precisa sobreviver. A atitude aponta para o processo de emancipação da mulher, por mais que não apresente ascensão social. A ausência do marido que seria considerada como degradação pela sociedade patriarcal representa a tomada do destino em suas mãos.

O mesmo acontece no conto *Tosca*, de Orlanda Amarílis, a partir da representação de outro comportamento: o sexual. A personagem que dá nome ao conto age a partir de subterfúgios para não ser detectada praticando o interdito, o ato que faz com que o nome das famílias se perca, e iguala-se aos homens em termos de comportamento sexual. Tosca resiste e não se submete ao patriarcado, usa a dissimulação e o engodo das regras e normas sociais das classes médias, chegando a driblar as várias gerações da própria família para evitar o massacre moral:

Esse pensamento continha o desejo secreto da filha, não dela, de alguns

sobrinhos, do genro, para não terem de prestar contas dos seus pequenos delitos sociais e cívicos. Tosca, jurado manhoso, ia apontando na memória dos sinais e no desagrado da sua cara flácida e sem viço, os *output* ou *input* dos registos à sua volta.

1936. Fora passar as férias em St." Antão. Deixou o namorado, ou melhor, trocou-o pelo administrador do Paul. Adivinhassem as senhoras de chapéu, carteirinha de veludo e vestido de lacinho ao pescoço, os seus encontros na cavalaria ao escurecer de cada dia pastoso a escorrer na corrente caudalosa da ribeira. Tromba de água caíra sobre a vila durante a noite de temporal com relâmpagos de fásca e os gemidos de Tosca diluíam-se nos fins de tarde ainda húmidos e bolorentos da viela. (AMARÍLIS, 1989, p. 111)

O que podemos constatar nesta breve discussão é a resistência às ondas de obscurantismo e de tentativas de retomada dos valores patriarcais nos países de Língua Portuguesa. E, tanto no Brasil como em Cabo Verde, as vozes das escritoras não parecem ter a intenção de abandonar o campo das lutas, pois registram, denunciam os embates silenciosos e silenciados, nos moldes do que aponta Michele Perrot. Essas vozes também apontam mudanças, revelando que o caráter opressor do patriarcado não recai somente sobre as mulheres, mas atinge também os homens. Assim, reiteram a necessidade de buscar espaços de igualdade, pois este é o destino mais evoluído, mais racional, mais justo.

As narrativas feitas por mulheres, na contemporaneidade, escapam ao fardo do viés do Neorealismo, dessa herança da literatura como instrumento de denúncia, tornando-se mais complexas as escolhas nos processos de efabulação, avançam da escrita dos temas considerados como frivolidades (como se de fato o fossem), para adentrarem numa postura nova, da Nova História (Cf. LE GOF) em que as bases da hermenêutica do cotidiano representam as pequenas atividades e momentos esquecidos da história, desconstruindo por dentro do sistema editorial, o discurso único, que de acordo com a já bastante conhecida postulação de Chimamanda Ngozi Adichie (2009): “O perigo da história única” não é afeto apenas às sociedades africanas, mas à todos os lugares, culturas, sociedades e histórias que costumeiramente são veiculadas por vozes heteronormativas, brancas e patriarcais. Portanto essas escritoras tornam-se superalternas quando falam e se fazem ouvir, respondendo à formulação de Spivak, pois o subalterno não fala, ele grita.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **O Perigo da única história**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2009.

AMARÍLIS, Orlanda. **A casa dos mastros**. Linda-a-Velha: ALAC, 1989.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças. **Estudos feministas**. UFRJ/CIEC, 2º semestre, 1994, p. 373-382.

_____. Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea. **Projeto 17: História – trabalhos da memória**. São Paulo: Editora da PUC, Nov. 1998, p. 223-258.

DUBY, Georges & PERROT, Michelle. **As Mulheres e a História**. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1995.

LE GOFF, Jacques. **A História nova**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de Família**. Editora Rocco: Rio de Janeiro, 1998.

MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média**. 2ª ed., São Paulo, Contexto, 1992.

MONTEIRO, Pedro Manoel. **Escritoras africanas no mercado editorial nos séculos XX e XXI**. Lisboa: Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa, 2018.

PAIVA, V. **Evas, Marias, Liliths... as voltas do feminino**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

PIÑON, Néida. I love my husband. In: MORICONI, Italo (org.). **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 451-456.

RAMOS, Ivone Aida Fernandes. **Vidas vividas**. Mindelo: OMCV, 1990.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1994.

SALÚSTIO, Dina. **Mornas eram as noites**. Praia: Instituto Caboverdiano do livro e do disco, 1994.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2009.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Puede hablar el subalterno? In: **Revista Colombiana de antropología**. Volumen 99, enero-diciembre, 2009, p. 297-364.

TELLES, Lygia Fagundes. **A noite escura e mais eu**. São Paulo: Nova Fronteira, 1996.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Antropofagia 75, 76, 77, 78, 83, 84, 85

Artes visuais 25, 26, 27, 29, 31, 32, 33

B

Benzedeira 112, 113, 115, 116, 117, 120, 123

C

Charles Baudelaire 63, 64, 67, 68

Clarice Lispector 86, 87, 90, 92

Conto 7, 29, 91, 92, 93

D

Dança 15, 16, 17, 18, 19, 23, 24, 58, 89

Dina Salústio 86, 87, 91, 93

Discourse 8, 86, 87

Discurso afetivo 96

Discurso autobiográfico 101, 103

Distopia 104, 109, 110

Docência 25, 26, 28, 30, 31, 32, 33

Dois irmãos 75, 76, 79, 80, 83, 84

E

ENEM 35, 36, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 48, 62

Ensino 7, 15, 23, 25, 28, 31, 32, 34, 35, 36, 43, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 125

Enunciação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 37, 55

Estágio 25, 26, 27, 31, 32, 33

Experimentação 15, 17, 23, 26, 66

F

Fahrenheit 451 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111

G

Gênero textual 3, 6, 7, 35, 36, 39, 40, 42, 44, 45, 48, 62, 63, 65

H

Háptico 15, 18

J

João Cabral de Melo Neto 96, 103

L

Lavoura arcaica 75, 76, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85

Laws 8

Língua materna 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 61

Linguística 2, 3, 4, 35, 36, 39, 43, 45, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 67, 69

Literatura 3, 4, 6, 16, 36, 40, 49, 63, 75, 76, 78, 79, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 89, 94, 104, 105, 110, 125

Literatura brasileira 75, 79, 83, 84

Literatura comparada 75, 76, 78, 79, 84, 85

Lygia Fagundes Telles 90, 91

N

Narrativa 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 39, 40, 105, 106, 110

Nélida Piñon 86, 87, 90

O

Orlanda Amarílis 86, 87, 91, 93

P

Pedagógico 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33

Pensamento poético-pedagógico 25, 31, 33

Poesia 65, 72, 74, 96, 98, 100, 101, 103

Poético 25, 26, 28, 29, 30, 31, 33, 65, 66, 67, 70, 71, 73, 96, 97

Práticas orais 112, 115, 119, 124

R

Redação 35, 36, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 48, 62

Revisão 32, 36, 63, 64, 65, 66, 71, 72, 96

Revisão de tradução 63

S

Semiótica 14, 24, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62

Sociedade 12, 28, 34, 52, 76, 79, 86, 87, 88, 92, 93, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 114, 116, 119

Speech 8

T

Tradição oral 112, 113, 115, 116, 123

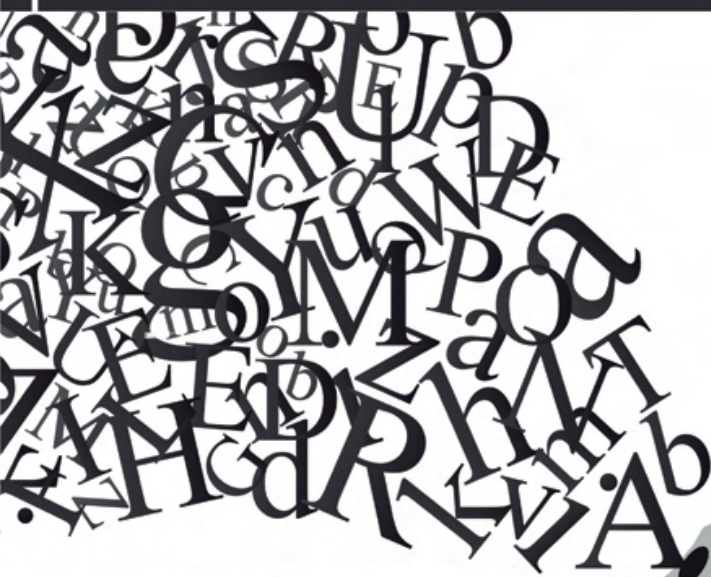
Tradução 24, 45, 46, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 106, 110

U

Utopia 85, 104, 105, 106, 110

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais



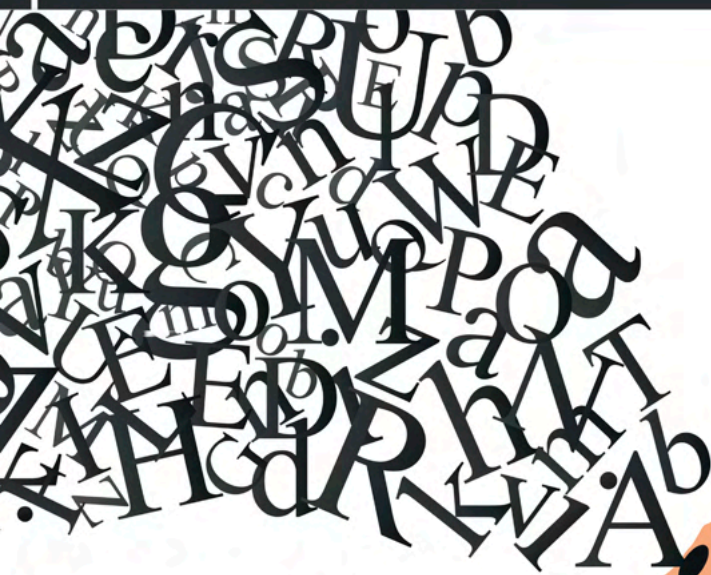
-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2022



LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais



- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2022

